

# ABUSO ESPIRITUAL

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Perissé, Gabriel

Abuso espiritual : a manipulação invisível / Gabriel Perissé. - São Paulo : Paulus, 2024.

ISBN 978-85-349-5473-0

1. Vida espiritual - Abuso 2. Comportamento manipulador 3. Poder I. Título

24-3601

CDD 248.482

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Vida espiritual - Abuso

Gabriel Perissé

**ABUSO**  
**ESPIRITUAL**  
A manipulação invisível



**Direção editorial**

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

**Gerência editorial**

Elisa Zuigeber

**Revisão**

Tiago José Risi Leme, André Tadashi Odashima,  
Pe. Zolferino Tonon

**Design**

Eduardo Quêlho, Leonardo Cerretti

**Imagem da capa**

iStock

**Impressão e acabamento**

PAULUS

1ª edição, 2024



Conheça o catálogo PAULUS  
acessando: [paulus.com.br/loja](http://paulus.com.br/loja),  
ou pelo QR Code.  
Teleendas: (11) 3789-4000 /  
0800 016 40 11

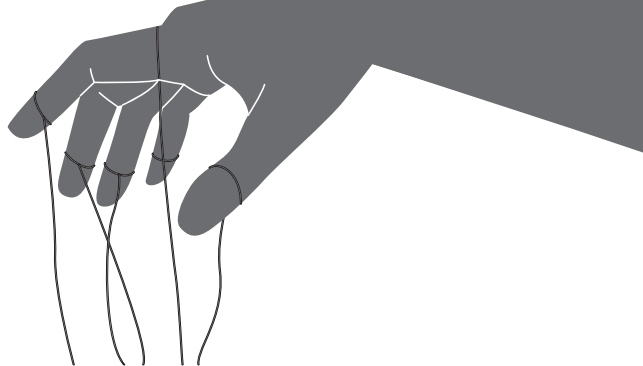
**© PAULUS - 2024**

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091  
São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)  
ISBN 978-85-349-5473-0

# SUMÁRIO

Prefácio.....	7
Introdução .....	11
Outros abusos e o abuso espiritual .....	17
A vítima perfeita.....	33
Os truques da manipulação.....	47
A ideologia do medo.....	59
O complexo de santidade.....	73
Fanatismo pouco é bobagem .....	85
Nenhuma seita aceita que é seita .....	99
Fundamentalismo sem fundamento ...	117
Novos elogios à loucura.....	131
Deus no descontrole.....	147
Medo nunca mais.....	163
Discernimento .....	177
Conclusão .....	195
Bibliografia consultada.....	201





## PREFÁCIO

Os escândalos sexuais que há algumas décadas eclodiram em toda a Igreja católica evidenciaram uma triste realidade: a existência de uma cultura que não apenas favorece, mas também promove tais escândalos.

A cultura clericalista e hierarquista, unida ao poder da estrutura da instituição eclesial, foi, por muito tempo, responsável por uma espécie de silêncio perverso imposto às vítimas e à comunidade eclesial como um todo. O resultado não podia ser outro senão uma tremenda crise de credibilidade com a qual, até o presente momento, a Igreja tem de conviver e procurar sanar.

A experiência de que a honestidade é, em muitas situações abusivas, o caminho mais viável para a redenção fez com que a Igreja tivesse a coragem de tomar as devidas medidas para dar prioridade às vítimas, punir os abusadores, prevenir futuros abusos e garantir ambientes mais seguros e sadios para todos. Tais medidas, embora de fundamental importância, não são, em si mesmas, suficientes para a mudança de mentalidade necessária com vista à edificação de

uma nova cultura relacional entre ministros ordenados, pessoas consagradas e fiéis leigos, mas indicam o caminho a ser percorrido.

Mais recentemente, tem sido dada atenção a outro tipo de abuso que resulta, também ele, de uma cultura clericalista e hierarquista: o abuso espiritual. Trata-se de um abuso mais difícil de identificar, pelo fato de revestir-se com o manto ou com a auréola do sagrado e, por isso mesmo, disfarçar-se de legítimo interesse pelo bem da Igreja e pela santificação do outro, recorrendo ao nome de Deus para a imposição de um poder e de uma autoridade que violam o terreno sagrado da consciência da pessoa.

As consequências deletérias do silêncio perverso dos abusos sexuais fizeram emergir, em todo o povo de Deus, a consciência de que é preciso rasgar o véu imposto como sagrado com o qual se tentam cobrir tantos abusos e romper o muro dos crimes silenciosos que acontecem dentro das comunidades de fé, em geral, e das comunidades religiosas, em particular. Não pode haver na Igreja nenhum tipo de relação abusiva, nenhum tipo de silêncio perverso e nenhuma prática que atente contra a dignidade e os direitos fundamentais das pessoas.

Nesse sentido, considero a obra de Gabriel Perissé uma excelente contribuição para dar visibilidade a uma prática cuja manipulação parece, à primeira vista, invisível, mas que, na realidade, é tão contrária aos valores evangélicos que, na sua forma de se impor sobre as pessoas, chega a tornar-se indecentemente visível, ferindo mortalmente a verdade em nome de um “deus” criado à própria imagem e semelhança.

Perissé descortina diante do leitor um palco em que desfilam tantas aberrações, resultantes de egos inflados pela própria ignorância e/ou malícia e de personalidades doentias que não sentem remorso algum de se impor às pessoas como autênticos e exclusivos intérpretes da vontade de Deus a respeito delas. Chegam a ser hilários os casos narrados por ele, pois demonstram o quanto a estupidez e o mau-caratismo são um prato cheio para pretensos ministros e pastores do já tão sofrido povo de Deus tirarem toda espécie de proveito pessoal. Mas, no fundo, chegam a ser revoltantes, pois, por meio deles, tocamos com as mãos o significado de algumas imagens bíblicas às vezes tão distantes da nossa realidade, como as dos sepulcros caiados, dos lobos em pele de ovelhas e dos fariseus hipócritas.

Perissé é capaz de nos aproximar de uma realidade tão doída com a leveza que sente quem acredita que o clericalismo e o hierarquismo podem ser superados pela lógica kenótica proposta e testemunhada por Jesus àqueles que desejam segui-lo. Por mais aberrantes que sejam os casos citados, eles evidenciam o quanto uma lógica “ilógica” ainda faz sentido, a ponto de ser o único caminho de “reparação” de tantos males que resultam dos mais variados abusos na vida de tantas comunidades eclesiais: quem quiser ser grande deve decidir fazer-se pequeno; quem quiser ser o primeiro deve decidir ser o último; quem quiser ser o maior deve decidir optar pelo serviço; quem quiser salvar a própria vida deve decidir perdê-la; quem quiser amar deve decidir dar a própria vida; quem quiser renascer deve decidir morrer; quem quiser ressuscitar deve decidir esvaziar-se de si para encher-se de Deus.

O abuso espiritual, nas suas mais variadas expressões, revela que, quando ministros e pastores se afastam da lógica kenótica proposta e testemunhada por Jesus, acabam buscando segurança em si mesmos e, conseqüentemente, tornam-se servos do poder para que possam sustentar o próprio narcisismo e a própria autorreferencialidade. A subversão da lógica kenótica produz sujeitos autocontemplativos, que exaltam e reverenciam o monoteísmo do eu e, desse modo, traem o Deus que dizem tanto ser a razão do que são e dos “milagres” que fazem. Distanciando-se da verdadeira videira, deixam de produzir o que devem e se tornam, assim, infieis. Passam a ser, mesmo que se autoproclamem ministros de Deus e pastores do povo, expressão mais clara do quanto a infecundidade leva à infidelidade. A manipulação invisível do abuso espiritual dá visibilidade a uma hipocrisia que não tem nada a ver com libertação e salvação, mas muito com os mecanismos dos quais se servem os filhos das trevas quando pretendem dar outros nomes à própria imoralidade.

Um brinde a Perissé por nos conduzir, de modo tão sábio, num terreno tão perigosamente movediço quanto o do conteúdo da sua obra. Outro brinde ao fato de fazer isso de forma tão saborosa.

Ronaldo Zacharias  
Padre Salesiano,  
*doutor em Teologia Moral*



## INTRODUÇÃO

O abuso espiritual é invisível, como invisíveis são a alma, o espírito e a consciência. E é um problema “silencioso”, como bem observou um escritor. No entanto, produz sequelas tão ou mais dolorosas do que as feridas causadas pelo abuso físico, pelo abuso sexual, pelo abuso de consciência, pelo abuso psicológico e pelo abuso financeiro.

Comecemos por uma definição simples e direta: existe abuso espiritual quando alguém se prevalece de sua posição ou de sua autoridade religiosa para dominar e manipular outra pessoa. Nas palavras de dois estudiosos do tema, trata-se de “uma injustiça decorrente do mau uso que determinados pastores, padres ou lideranças cristãs fazem de seus direitos e poderes associados às suas funções [...], uma forma de violação feita em nome de Deus e de Cristo, ferindo o crente no mais profundo de sua alma”.<sup>1</sup>

O abuso espiritual não se verifica somente no contexto cristão, em que pessoas (pastores, pastoras, padres, bispos, cardeais, anciãos, monges, freiras, madres superiores, reitores de seminário, reverendos, monsenhores, prelados, abades, lideranças leigas, missionários,

---

<sup>1</sup> ZIVI, Pascal; POUJOL, Jacques. *Les abus spirituels: identifier, accompagner*, p. 19.

plantadores de igrejas, obreiros, discipuladores, diáconos, catequistas etc.), aparentemente confiáveis, estabelecem relacionamentos destrutivos com suas vítimas. Há relatos sobre lideranças ditatoriais e despotismo em outras tradições religiosas e em movimentos esotéricos, ocultistas e gnósticos, porém foi no contexto das igrejas e comunidades cristãs, a partir das décadas de 1980-1990, que essa forma peculiar de abuso começou a preocupar mais intensamente psicoterapeutas, sociólogos, jornalistas, teólogos, sobretudo nos Estados Unidos. Na Europa, reportagens, artigos e livros sobre esse tipo de abuso gravíssimo têm se multiplicado nos últimos quinze anos. Na América Latina e no Brasil, a tradução de algumas dessas obras estrangeiras e alguns livros pioneiros entre nós deram início à nossa própria tomada de consciência.

A bibliografia em inglês é a mais extensa. Em 1992, por exemplo, no campo da sociologia da religião, Ronald Enroth publicou um livro que causou impacto na época: *Churches that abuse*. A capa da primeira edição, abaixo do título, trocava em miúdos em que consistia esse abuso dentro das igrejas: legalismo religioso, lideranças autoritárias, manipulação, disciplina excessiva e intimidação espiritual.

Enroth era um pesquisador acadêmico. Vinha estudando o fenômeno das seitas destrutivas desde a década anterior, mas sua visão como sociólogo era a de alguém que, sendo cristão evangélico, também vivia por dentro a questão do abuso. Seu interesse como pesquisador e como homem de fé compromissado abriu um caminho de entendimento do problema que, de fato, era urgente abrir. As igrejas abusam, esse é um fato, e não é de hoje. O pano de fundo, no entanto, é a ideia de que, apesar disso, podemos viver experiências religiosas positivas e saudáveis.

Seguindo essa trilha, o teólogo e pastor Ken Blue escreveu, em 1993, um livro com o título explícito de *Abuso espiritual*. No subtítulo, expressava a preocupação em apontar soluções: “Como libertar-se de experiências negativas com a Igreja”. O intuito era esclarecer, sem tapar o sol com a peneira. Logo no início do livro, Ken apresentava alguns tristes exemplos, como o de uma moça que se suicidou porque o pastor lhe disse que estava endemoninhada e era impossível exorcizá-la; o de um menino de 4 anos de idade que morreu por falta de atendimento médico, pois o pastor dos seus pais insistiu para que não fossem ao hospital e confiassem apenas na oração; e o de alguns casais de uma comunidade cristã que se divorciaram, porque um líder religioso lhes garantiu que seus casamentos ofendiam a Deus.

Em 1994, no âmbito católico, publicou-se o livro *Healing spiritual abuse & religious addiction*, de Mathew Linn, Dennis Linn e Sheila Fabricant Linn. Os autores, já no título, apontam para a necessidade de curar as vítimas desse abuso e desse vício, mediante um relacionamento vivo com Deus e a prática de uma fé saudável. A importância dessa obra está em abordar o tema que nos ocupa num contexto especificamente católico, incluindo o uso da liturgia como um meio de abuso espiritual, a prática questionável da mortificação corporal, o magistério dos papas e a influência do Concílio Vaticano II na vida concreta dos fiéis.

Antes desses três livros, em 1991, David Johnson e Jeff Van Vonderen haviam publicado *The subtle power of spiritual abuse*, até hoje leitura obrigatória sobre o problema. Como pastores cristãos atuantes, os dois autores puderam acompanhar muitas pessoas com um quadro de profundo sofrimento que se assemelhava ao das vítimas de abuso físico, sexual ou emocional. Tratava-se, no entanto, de um abuso menos óbvio, mais “sutil”, causado por manipulação espiritual dentro das próprias igrejas.

Inúmeros autores se dedicaram ao tema de lá para cá. Uma lista recente, brevíssima, incluirá a terapeuta estadunidense Connie Baker, que desenvolve um trabalho de apoio a vítimas de abuso religioso, sendo ela própria uma sobrevivente; a pastora batista Regina Pinto-Moura, que conhece de perto o comportamento fanático de alguns movimentos evangélicos no Brasil e nos EUA; o monge católico francês Dysmas de Lassus, que tem vasta experiência como líder religioso e procura estabelecer a diferença entre vida religiosa baseada na tradição e a que é destruída por práticas sectárias; o jornalista italiano Salvatore Cernuzio, que reuniu o testemunho de várias religiosas sobre abusos de poder, de consciência ou sexuais dentro de ordens, mosteiros e institutos femininos; o também italiano Giorgio Ronzoni, especialista em teologia pastoral, sobre os modos de reconhecer e prevenir o abuso espiritual; o psicossociólogo belga Vincent Hanssens, que organizou um livro com testemunhos e reflexões sobre graves desvios sectários dentro da Igreja católica.

As obras desses e de outros autores encontram-se na bibliografia.

Atualmente, graças a uma sensibilidade maior para perceber e denunciar situações sociais intoleráveis, tornou-se possível falar abertamente sobre “abuso espiritual”, ainda que, no passado, e é justo dar os créditos a quem se mostrou corajoso, alguns autores já detectassem o problema.

A título de curiosidade, cito apenas o teólogo presbiteriano James Bannerman, que, no século XIX, usava expressões fortes como “tirania espiritual” e “opressão espiritual”, referindo-se a pastores autoritários. Para Bannerman, a liberdade que Jesus conquistou deveria ser respeitada pela Igreja de modo incondicional. Afirmava ele que “a consciência é um santuário abençoado e santificado pela liberdade cristã, cujo limiar nenhuma

autoridade, nem mesmo a da Igreja, pode ultrapassar; neste santuário, ninguém além do Senhor pode entrar, pois ali ele encontra a sua morada”.<sup>2</sup>

A reação está apenas começando. A tendência é que tenhamos cada vez mais lucidez para discutir sobre manipulação espiritual e lideranças tóxicas dentro de ambientes religiosos. Pesquisar com discernimento é condição *sine qua non* para fortalecermos essa tendência. A par da já considerável quantidade de livros e referências, é importante, também, nos concentrarmos em compreender, com toda a clareza possível, o que implica, na prática, a expressão “abuso espiritual”. Em compreender como o uso, ou melhor, como o abuso de textos bíblicos, de argumentação mística, de conceitos religiosos, de documentos eclesiásticos, de determinado tipo de orações, atos devocionais e práticas de ascetismo pode atingir as pessoas naquilo que possuem de mais sagrado: sua fé e esperança em Deus.

Eu diria mais: é importante que você e eu estejamos conscientes de que, muito perto de nós, há pessoas sofrendo nas mãos de abusadores religiosos. Lembrando que, em boa parte dos casos, os abusadores que atuam dentro dos espaços sagrados também se mostram abusadores em outros ambientes.

Boas perguntas nos ajudarão nessa compreensão aprofundada:

- Quem são as vítimas perfeitas do abusador espiritual?
- Que tipo de gente pratica essa forma específica de abuso?
- Como não cair nas armadilhas dos abusadores, no campo tão sutil da espiritualidade?

---

<sup>2</sup> BANNERMAN, James. *Treatise on the nature, powers, ordinances, discipline, and government of the Christian Church*, v. 1, p. 248.

- Como distinguir uma legítima orientação espiritual, que podemos acolher sem receio, de um comportamento assediador?
- Em que momento uma comunidade de fé se transforma em seita invasiva, autoritária e destrutiva?
- O que é ser um sectário?
- Quais os truques da manipulação espiritual?
- Existe algum antídoto para evitá-la e combatê-la?
- Onde entra aqui o componente do fanatismo?
- Quem é ou não é confiável nos meios religiosos? Podemos reconhecer a diferença?
- Como viver uma crença religiosa com serenidade e bom senso?

O próprio Jesus denunciava, em seus ensinamentos, o abuso espiritual como um fermento nocivo, capaz de contaminar seus seguidores e transformá-los numa raça de víboras.

Depois de procurar responder às perguntas acima, o passo seguinte, a meu ver, consiste em buscarmos uma formação qualificada, humanizadora, que nos dê discernimento para a integração da dimensão religiosa em nossa vida como um todo.